



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.3, No.14, julho 2022 – O Clássico, o Moderno e o Contemporâneo.

Campo Grande - MS

Periodicidade: quinzenal

Capa: Mona Lisas: Da Vinci, Duchamp e Papa Carlos. Todas convertidas para P&B.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Volta e meia dá-se meia volta para olhar as tendências estéticas marcantes da História da Arte e, fatalmente, vêm à tona as concepções usuais e recorrentes em torno de termos com *Clássico*, *Moderno* e *Contemporâneo*. Este é o tema escolhido para esta Reflexão, conseqüentemente, requer explicações e esclarecimentos já que é comum surgirem debates em torno destas três tendências. A grosso modo pode-se dizer que o pano de fundo destes debates é a relação dicotômica entre Tradição e Inovação. De um lado uma visão conservadora e de outro uma visão transformadora.

Ambas tem argumentos e justificativas para sua defesa, mas o ponto nevrálgico desta situação, a meu ver, reside em dois aspectos relevantes que, nem sempre, participam deste suposto debate: *Validade* e *Vigência*. Em síntese: *Validade* se refere a sintonia ou compatibilidade entre os valores de uma sociedade ou cultura na criação e na consolidação estética e formal de suas manifestações artísticas, *Vigência* se refere à sintonia desta mesma sociedade e cultura com o período histórico em que surge, desenvolve e se transforma o que define sua cronologia e temporalidade.

Postas estas questões iniciais pode-se começar esta Reflexão. O primeiro ponto destacado é a dicotomia entre o conservador e o inovador, este parece ser o “*pomo da discórdia*” como na mitologia grega a polêmica gerada pelo desafio feito a Paris de escolher a mulher mais bela entre todas lindas...

Sabe-se então que sempre haverá os conservadores, aqueles que defendem a tradição, valorizam e glorificam o passado como um modelo fixo e permanente e os inovadores, os que aceitam as transformações como parte do processo de atualização social e cultural do qual a Arte também faz parte.

Os primeiros, agem convictos de que estão certos, ignoram o processo histórico, defendem como permanentes os valores do passados e os conservam, por isto são anacrônicos. Os segundos defendem as transformações, proposições e experimentações, inovações culturais como parte do processo de construção cultural, mesmo que, em alguns momentos, pareçam radicais, mas que renovam os processos de pensar e fazer Arte. A sociedade é um organismo vivo e, como tal, está sujeita à modificações constantes, seria muito triste pensar que tudo sempre será como foi ou é hoje.

A mim parece que a possibilidade da mudança é o que anima a criação artística e as experimentações desenvolvidas a cada tempo, em cada lugar e por cada indivíduo que se dispõe a lidar com a Arte e seus potenciais criativos. Sem dúvida alguma o ser humano é extremamente criativo enquanto espécie. É capaz de expandir as fronteiras do conhecimento o tempo todo e a todo custo. Obviamente nem tudo é digno de louvor, mas pelo sim ou pelo não, é o que é. Só a história é capaz de dizer se os caminhos tomados foram justos, adequados ou necessários, não é possível avançar apenas olhando pelo "retrovisor", só vendo atrás.

Neste sentido, a visão conservadora tende a usar o "retrovisor", mas deste modo, não vê o todo, apenas recorta partes dele, por isto tem sempre uma sensação de que o passado parece ser mais seguro, melhor do que o presente. Há uma espécie de "memória seletiva" incapaz de compreender o contexto. Esta "cegueira" impede as análises mais pontuais ou, se quiserem, mais objetivas no sentido de entender que as transformações são fatos inexoráveis. É necessário também pensar que o "gosto" pessoal não é um parâmetro de julgamento ou avaliação compatível com a Arte atual.

É comum chamar de “clássico” tudo ou que lhe parece universal e perene, mas no contexto da História da Arte, falar em *Clássico* não é tão preciso e implica em delimitar esta compreensão a algumas manifestações no tempo, no espaço e na cultura. O termo Clássico remete à Antiguidade Clássica Greco-Romana que floresceu por volta do século VIII aC e perdurou até meados do século V dC, às portas da Idade Média. O poderio militar e econômico do Império Romano foi um dos responsáveis pela difusão deste “estilo” ou das características nomeadas como Clássicas pelos historiadores referindo-se ao período Clássico Grego entre V e IV aC.

Bem, localizados onde e quando, resta ainda o motivo. Parte dele já foi esclarecido por conta de sua difusão pelos Romanos. Em toda extensão do Império é possível perceber a influência e duração deste estilo, principalmente por meio da arquitetura que restou como representante da cultura Greco-Romana em todas as regiões dominadas por ele.

O Clássico perdeu sua glória durante a Idade Média, um dos motivos foi o esfacelamento do Império Romano, cuja consequência foi o “esquecimento” do modelo Clássico, mas o retorno estava por vir...

O desenvolvimento econômico das Cidades Estado romanas ou da Itália, recupera seu poder e com isto sua glória e promove uma revolução econômica e cultural na Europa entre os séculos XIV e XVI. Este período foi chamado de *Renascimento* justamente por recuperar ou fazer renascer os valores da Antiguidade Clássica Greco-Romana. Ressurgiu com um estilo na região da Toscana, principalmente em Siena e Florença, se expandiu para toda a península itálica, Inglaterra, França, Alemanha, Países Baixos e Península Ibérica. Alterou-se um pouco com o Maneirismo e o Barroco, mas manteve seu “ideal”.

Esta expansão não se deu apenas por uma questão geográfica ou comercial. Um dos fatores de consolidação e difusão do modelo Clássico foi o surgimento de artistas competentes neste estilo e consagrados como Michelangelo, Raphael, Botticelli, Leonardo Da Vinci entre outros. Outro fator foi a criação das Academias de Arte. A primeira foi a Academia de Desenho de Florença, de 1562, idealizada por Giorgio Vasari. Depois a Accademia di San Luca, de Roma, 1577 de Federico Zuccaro. Em 1580 a Academia dos Progressistas de Bolonha dos Carracci, e a Academia de Milão, em 1620, do cardeal Federico Borromeo.

As Academias definiram tanto um “projeto pedagógico” baseado nos modelos clássicos greco-romanos e também nos mestres do Renascimento estabelecendo métodos de ensino baseados formação científica (geometria, anatomia e perspectiva) e humanística (história e filosofia), rompe com a oposição das Guildas que combatiam a liberdade do exercício da Arte e com a visão de arte como artesanato e se afasta da ideia de Arte como resultado da genialidade, talento e inspiração individuais. O papa Urbano VIII, entre 1627 e 1633, estabelece a autoridade da academia em conferir dignidade aos artistas com profissionais.

As academias garantem a difusão da formação em Arte que antes era realizada apenas nos ateliês e oficinas de artistas já reconhecidos e garantidos pelas Guildas, as corporações de ofício surgidas na Idade Média. Com a proliferação de pessoas formadas pelas academias houve também uma expansão na produção de Obras de Arte, com isto o desenvolvimento de Coleções e o comércio artístico. Muitas das coleções de museus, galerias e particulares são devedoras desta expansão produtiva. A consequência lógica desta expansão é a difusão deste estilo, ou seja, o Clássico.

Mas isto não ficou por ali, as Academias passaram a ser um sistema de ensino cobrindo a formação artística por meio de regras rígidas baseadas no desenho de observação, na geometria e na cópia de moldes e modelos. Além disso passam a organizar eventos como exposições, concursos e premiações. Isto também contribui para a conservação de acervos, patrimônio, pinacotecas e coleções, o que leva também ao controle da atividade artística e a fixação de padrões rígidos de gosto, obviamente, clássico. Assim este modelo também é adotado em outros países europeus e se torna comum nos países do ocidente.

Outro grande fator de expansão do Modelo Clássico foi a fundação em Paris, por Luis XIV, em 1648 da Académie Royale de Peinture et de Sculpture (Real Academia de Pintura e Escultura). Dirigida por Jean-Baptiste Colbert e pelo pintor e teórico da arte Charles Le Brun. A academia francesa estreita as relações entre a Arte e o poder político, já que a academia é financiada pelo rei, portanto, é “oficial”. A doutrina estética é rígida, ortodoxa e de base Clássica. O grande modelo é o pintor francês Nicolas Poussin, cujo gosto pela Antiguidade Clássica, temas mitológicos, motivos históricos acabam sendo o eixo da doutrina acadêmica que é coroado pelo nome de “Beaux-Arts” ou Belas-Artes ou “Fine Arts”.



Nicolas Poussin, "O Rapto das Sabinas", 1637-38. Esta obra caracteriza muito bem o Clássico. Um artista Francês, formado nas academias italianas que leva para a França o Modelo Acadêmico, seguindo a tradição romana na recuperação dos mitos e contos desta cultura.

Bem, com as Belas-Artes a França consolida o modelo Clássico, Acadêmico Tradicional chamado de Neo-Clássico e o Classicismo se transformou quase numa marca hegemônica de Arte Visual e se expandiu como o supra sumo da estética até o século XIX quando começou a ser confrontado. Este modelo chegou ao Brasil por meio da Família Real e da Missão Artística Francesa em 1816. Em 1826 tem início o ensino formal da Arte no país com a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro. Depois da república se torna Academia Nacional de Belas Artes inspirando outras similares em todo o País.

O Clássico, como já foi possível perceber, é baseado em modelos canônicos que recorrem a padrões pré-determinados de estilo, forma e temas recuperados da antiguidade clássica greco-romana pelo Renascimento nas Academias de Arte e reiterados pelas escolas de Belas-Artes francesas. Pode-se dizer que a cultura de base eurocêntrica manteve um referencial “hegemônico” tomado do século V aC até o século XIX dC ou seja, uns 2.000 anos, mas, nem tudo é para sempre! A partir do século XIX este modelo começa a “fazer água” e afundar...

As mudanças sociais e econômicas que passam a ocorrer a partir dos séculos XVII e posteriores forçaram muitas transformações socioculturais e entre elas as da Arte Visual. A Revolução Industrial foi, sem dúvida, o principal motor de tais mudanças. A partir do século XVIII, a invenção dos motores a vapor possibilitou a criação de máquinas capazes de substituir ou reduzir o uso das mãos e aumentar a produção de bens de consumo. Os artesãos que detinham os meios de produção e o fazer especializado, foram substituídos pelos operários que eram assalariados e não especializados.

Esta mudança implicou na expansão do sistema Capitalista no qual o patrimônio financeiro dos empresários passaram a deter também a estrutura física das fábricas e, com isto, ampliar a concentração de renda e a redução do poder aquisitivo e de sobrevivência da população em geral. Este é o modelo que começa a se delinear a partir do século XVIII, cujas consequências se “sente na pele” hoje em dia. Movimentos como o *Arts and Crafts*, na Inglaterra, queriam preservar o poder criativo e operacional dos artesãos em oposição à mecanização crescente da indústria.

A exploração indiscriminada e desumana de trabalhadores pela indústria nascente provocou o surgimento de movimentos em busca de direitos trabalhistas e civis, com isto, o surgimento de valores como Consciência Social. O desenvolvimento industrial também contribuiu para a ascensão da burguesia ao poder, antes pertinente à nobreza e ao clero, cuja consequência acaba sendo o liberalismo e a acumulação de capital e as bases de sustentação do capitalismo. Com tudo isto acontecendo seria pouco provável que este novo grupo social, os Burgueses, mantivessem o gosto predominante dos grupos anteriores.

Portanto a ruptura com o modelo Clássico se torna um contraponto importante para as mudanças que começam a surgir na Arte desde fins do século XVIII e no século XIX. O Romantismo e o Realismo, já antecipavam algumas mudanças substanciais relativas ao afastamento da visão Clássica. Temas e assuntos históricos e cotidianos como o nacionalismo, as opressões e hipocrisia sociais passaram a habitar as Obras de Arte desde então. Neste caso, o ambiente da Arte começa a se opor à tradição recorrente aos modelos greco-romanos, à mitologia e à glorificação dos heróis, reis e rainhas do passado.



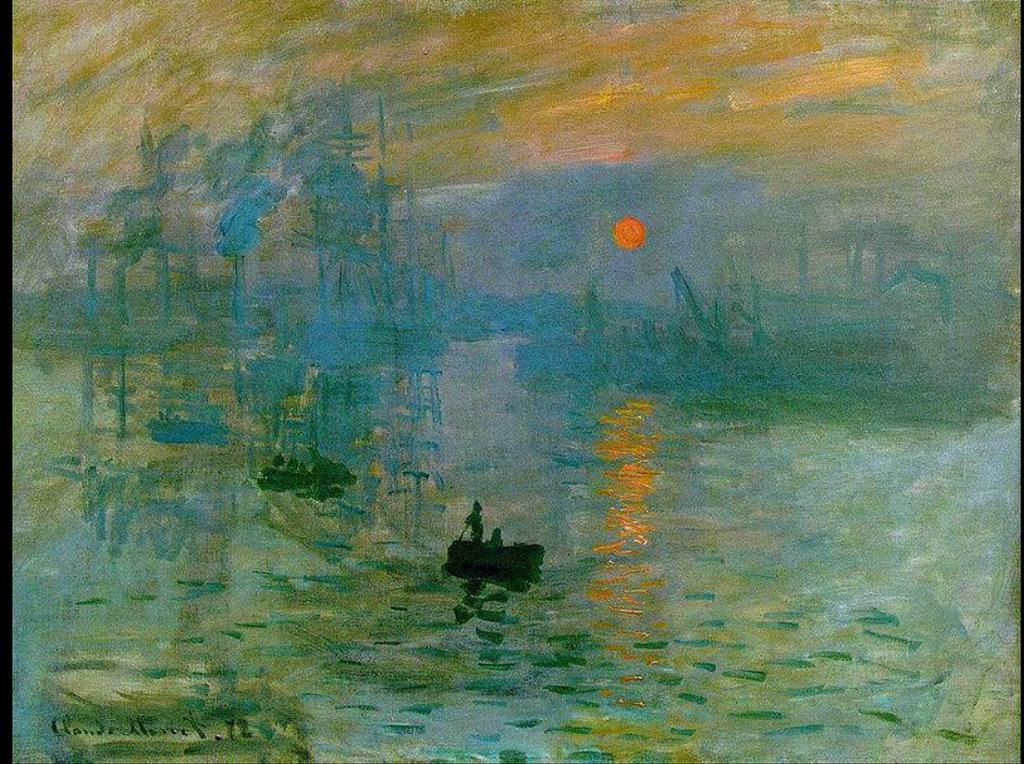
Eugene Delacroix, “O massacre de Quios”, 1824. Revela as atrocidades da Guerra pela independência da Grécia do domínio Turco na cidade de Quios em 1822, evidenciando a maldade humana.



Honore Daumier, “O Fardo” ou “A lavadeira”, 1850-53. Revela a faina diária do trabalho, no caso a mulher que carrega a trouxa de roupas, apesar do forte vento com a criança.

É no século XIX que se dá a ruptura formal, na História da Arte, em relação à Arte Clássica representada pelo Impressionismo. Ele é a manifestação escolhida para marcar a transição entre o Clássico e o Moderno. Aqui chegamos ao segundo ponto proposto nesta Reflexão. O termo Moderno não é uma invenção recente, vem do latim *modernus* e se refere a algo recente, novo ou inovador e se opõe ao passado, velho ou conservador. Na História o Período Moderno corresponde à uma oposição ao Período Medieval e ironicamente, se refere ao Renascimento que buscou justamente a antiguidade, o passado e... O Clássico.

Contudo o Moderno que ressurgiu no final do século XIX até meados do século XX, correspondendo ao “estado de transformação” que se manifesta intensamente neste período, promovido principalmente pelo impacto da Indústria. Portanto, o advento do Modernismo, na história recente, estabelece um diálogo com estas transformações se tornando a face artística deste novo momento cultural. Esta visão é mais evidente com relação ao mundo ocidental e define o caminho das manifestações estéticas que passam a ocorrer a partir daí. Moderno e Modernismo não são movimentos, mas condutas.



“Navios em uma brisa fresca” de Jacob van Ruisdael, é o que se esperava de uma paisagem marinha clássica no século XIX, mas as “Impressões do sol nascente” de Claude Monet não correspondem a esta expectativa, portanto suas “impressões”, são rechaçadas pela crítica da época.

O Moderno e o Modernismo, enquanto proposta estética se caracteriza como a oposição sistemática ao passado clássico acadêmico e tradicional, embora usasse os mesmos recursos técnicos do passado. O modo de demonstrar esta ruptura é negando dogmas, cânones e modelos da Arte Clássica por meio de várias Estratégias de Criação e a principal delas é a experimentação. A Arte tradicional partia da convicção de que havia um modelo estável e hegemônico típico da classe dominante e, como tal, não teria que mudar, precisava apenas ser mantido, conservado como uma marca deste domínio e averso às mudanças.

Disse que o Experimentalismo é uma das marcas mais perceptíveis da estética Moderna justamente por estar nele a gênese tanto do Moderno quanto do Contemporâneo. Como disse também a Arte tradicional partia do pressuposto da estabilidade e continuidade, portanto, não admitia mudanças, tampouco experimentais. Por isto considero que o ponto de mutação do Clássico para o Moderno é justamente a profusão de experimentos estéticos e conceituais que vão surgir neste período e serão chamados de Vanguardas Históricas ou Artísticas.

A Vanguarda deriva do termo francês “*avant-garde*”, cujo sentido é estar à frente, adiante e que, de certo modo, tende a antecipar o que virá. Neste sentido é que o Modernismo acaba se consolidando como um momento no qual várias manifestações artísticas recorrem ao inusitado, ao estranho, ao insólito, às pesquisas e ensaios formais, técnicos e estéticos sem medo. Tais ensaios geram um fenômeno interessante que é chamado por alguns de “ismos”. O sufixo *ismo*, de origem grega e se refere a um tipo de comportamento ou vínculo recorrente como, consumismo, pacifismo, budismo, tabagismo etc.

Na história da Arte compreende manifestações originárias de grupos, manifestos e movimentos cuja tendência é a experimentação e inovação, daí a existência de vários “ismos”. Desde o Impressionismo surgem outras denominações de condutas estéticas como, por exemplo: Expressionismo, Cubismo, Futurismo, Orfismo, Dadaísmo, Surrealismo, Construtivismo entre tantos outros. Com isto é possível perceber que o Modernismo não é uma conduta hegemônica nem estável, tampouco permanente, mas algo em constante mutação, aqui reside a principal diferença do Classicismo.

Entretanto, nada é fácil. Depois de centenas de anos batendo na tecla do Classicismo era de se esperar, obviamente, que as novas tendências estéticas que passaram a surgir com o Modernismo, não fossem aceitas “de cara”, haveriam represálias, confrontos, desgostos, conflitos e vinganças... A primeira investida contrária às inovações estéticas e experimentais surge já na primeira exposição Moderna que se tem notícia, a do Impressionismo, em Paris em 1874. O crítico Louis Leroy publica uma crítica satírica no *Le Charivari*, tecendo palavras maledicentes ridicularizando as obras expostas.

O ponto que quero reproduzir do texto é o parágrafo no qual se refere à obra *Impressões do Nascer do Sol* de Monet quando ele diz: “*Impressão - eu tinha certeza disso. Eu estava apenas dizendo a mim mesmo que, já que estava impressionado deveria haver alguma impressão nisso ... e que liberdade, que facilidade de acabamento! Um desenho preliminar para um padrão de papel de parede é mais acabado do que esta paisagem marinha*”. O que ele faz é desqualificar a obra, como fez em todo o texto sobre cada obra que citou, interessante é que o texto maldoso acabou dando nome ao Impressionismo.

O que representa o Impressionismo no contexto da ruptura com a Arte tradicional? A primeira questão é entender que, naquele período, em Paris, as grandes exposições de Arte eram promovidas no Louvre com subvenção do Estado e somente para os artistas da Real Academia Francesa de Pintura e Escultura vinculada ao poder. Artistas não pertencentes à academia, jamais exporiam lá suas obras. Em 1863, no mesmo período do Salão oficial, o imperador Napoleão III, autoriza uma mostra paralela de artistas não vinculados à Academia, depois conhecida como *Salon des Refusés*, o Salão dos Recusados.

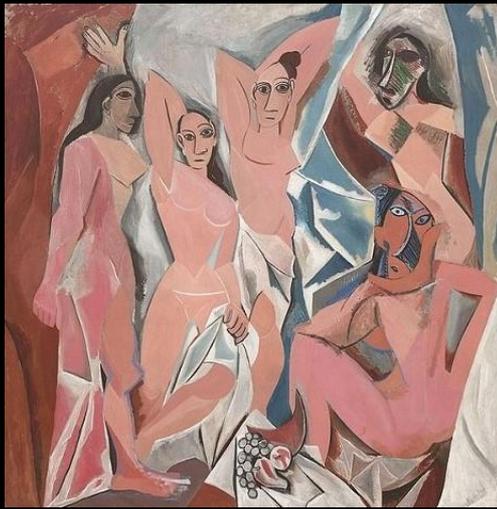
A partir daí vários grupos de artistas começam a organizar exposições paralelas aos Salões oficiais e, com isto, conseguem aumentar sua visibilidade social, sendo que a mais famosa delas é a que foi promovida em 1874 pela *Sociedade Anônima dos Artistas, Pintores, Escultores, Gravuristas, etc...* que organizou a exposição que ficou conhecida como do Impressionismo. O que parecia para a crítica esboços ou pintura desleixada, com cores e pinceladas superpostas e desfocadas era o surgimento da experiência pictórica mais importante da época: a separação cromáticas da luz em unidades de cor.

Obviamente a Arte Clássica não tinha qualquer interesse em pesquisas que envolvessem a física ou a química, apenas em reproduzir o visível da maneira habitual com seus temas recorrentes e alegóricos. O experimentalismo, ao chegar ao ambiente da Arte, traz novas abordagens para o processo da Pesquisa em Arte e inaugura a introdução do conhecimento artístico em oposição à representação e imitação do visível. Para o Impressionismo a pintura deve ser obtida da relação entre a luminosidade e o meio no momento em que ocorre, portanto, valorizam a pintura ao “ar livre”, realizada no próprio ambiente e não em estúdios.

Os contornos das formas não são nítidos, mas produzidos pelos contrastes e variações cromáticas e não por desenhos; a estrutura da pintura é cromática e não gráfica; as sombras não são negras, pois não consideram a ausência total de luz, mas relacionadas às cores daquilo que mostram e das relações entre as cores do entorno; valorizam as cores e estudam os discos cromáticos com primárias, secundárias e complementares; a pintura deve surgir das cores aplicadas ponto a ponto, pincelada por pincelada e não por campos ou manchas de cor.

O que pretendo mostrar é que o Modernismo traz um novo modo de pensar a Arte Visual, que não era praticado pela visão Clássica. A tendência Clássica investia no ornamental e decorativo centrado nas habilidades técnicas, nas performances virtuosísticas da feitura plástica das obras, mas não se preocupava em descobrir novas possibilidades e alternativas estéticas que pudessem se tornar recursos na ampliação de suas proposições. Neste sentido o Modernismo faz isto e isto se torna um de seus maiores projetos. Esta é a herança que o Modernismo trouxe para a Arte Contemporânea: a capacidade de pesquisar e ousar.

Mesmo assim, não faltaram oportunidades para tecer críticas negativas às manifestações modernas. Em 1907, Picasso apresenta a tela *As senhoritas de Avignon*, considerada a primeira obra Cubista. No entanto, o nome do Movimento não foi dado pro ele. Em 1908, no jornal *Gil Blas*, o crítico Louis Vauxcelles referiu-se às este tipo de obra como “uma realidade construída por cubos”. Embora esta constatação não pareça ser negativa, também não é positiva. Antes entre 1905-6, Vauxcelles já havia se referido a alguns artistas como Feras, que nomeou o Fauvismo.



Les Demoiselles d'Avignon, 1907, de Pablo Picasso, não corresponde ao que se espera da imagem de um grupo de “senhoritas”, pois perde toda “graça” e sensualidade que parece ter inspirado o gosto clássico.



Basta comparar às obras que recorrem ao tema nesta sequência de imagens: “Três Graças”, oriundo da mitologia grega que eram as “Carites”, dançarinas dos templos gregos, que aparecem num afresco em Pompéia e em obras de Raphael, Lucas Cranach, Charles Andrés Van Loo, Jean-etiienne Lyotard e em várias outras obras Clássicas.

Enfim, tentar encontrar modos de nomear as novas tendências parecia ser também um exercício de conhecimento, mesmo que, em geral, fossem tomados de críticas pejorativas. Mas mesmo assim o Modernismo continuou a desenvolver suas condutas estéticas, propositivas e conceituais. Como já disse várias vezes, o experimental é a grande conquista do Modernismo e a Pesquisa em Arte o caminho para o desenvolvimento das novas proposições. Pode-se dizer que a o Moderno se constrói a partir das problematizações instauradas pelos artistas, movimentos e debates.

A apreciação artística, antes passiva, se torna ativa e cada vez mais os espectadores são convocados para atuarem em conjunto com os artistas na construção de sentido e significação já que as obras não se referem mais às narrativas míticas, místicas ou históricas mas desafiam a mente do observador a encontrar meios para compreensão ou reação a partir do que lhe é apresentado, quaisquer que sejam as manifestações que têm diante de si. Não são mais só pinturas, esculturas, desenhos, gravuras são também fotografias, filmes, performances, instalações, vídeos, intervenções e conceitualizações.

Pode-se dizer que o Clássico perdeu o “trem da história” e só o que lhe resta é protestar, contestar o que vê com os olhos do passado. Não tenho intenção de denegrir o passado ou as manifestações artísticas que ocorreram anteriormente, apenas sinto que minha obrigação como professor é apontar as transformações que ocorreram no contexto da Arte Visual, mesmo que, para quem ainda defenda uma visão conservadora isto pareça iconoclasta. É importante reconhecer que as manifestações artísticas têm validade e vigência no tempo, no espaço e na cultura, mas não desaparecem da memória.

Não se pode esperar que as manifestações do passado sejam compatíveis com as do presente já que surgiram em condições sociais completamente diferentes das atuais. Tanto os artistas quanto seus contemporâneos mantinham um diálogo constante sobre o que viam e o que esperavam ver. Contudo, quando ocorriam mudanças havia também um tempo de adaptação e acomodamento. Acredito que, desde fins do século XIX a cultura vive este momento de acomodamento e a Arte atual ou Contemporânea tende a explorar este processo de transição e adaptativo.

Então aqui se chega ao terceiro ponto: a Arte Contemporânea. Historicamente o Período Contemporâneo vem da Revolução Francesa, em 1879, aos dias atuais. No contexto da Arte Visual não é bem assim, considera-se, para todo efeito, o período posterior à Segunda Guerra Mundial, especialmente, a partir da década de 50 e posteriores. Coincide também com o que se chamou também de Pós-Modernismo e com a terceira onda da revolução industrial focada em sistemas de inteligência artificial considerando as tecnologias de computação a partir das estruturas de programação digital.

Na década de 1950 e em diante muitas conquistas tecnológicas surgiram: a invenção do transistor, o sequenciamento do DNA, a exploração interplanetária, envio de satélites e naves tripuladas, entre outras conquistas semelhantes da ciência que mudou a cara do mundo. Neste sentido, na Arte Visual surge a Pop Art em diálogo com o consumismo, a comunicação de massa, o desenvolvimento da TV e transmissão por satélites, enfim, a Arte não podia ficar alheia a tudo isto e passou a atuar dentro deste novo sistema social global deixando de lado as condutas regionais.

Pode-se dizer então que a Arte Contemporânea é a que está em vigência a partir dos anos 50-60 do século passado e, portanto, cobre um período de aproximadamente 70 anos até agora. Neste período muita “água rolou” passando pelas manifestações intervencionistas, Instalações, Performances e, principalmente, pelos meios tecnológicos como os digitais que dispensam suportes convencionais objetuais e vivem virtualmente em rede. Enfim, são tantas mudanças que levam os artistas a investirem em novos procedimentos e proposições, nem sempre inteligíveis, mas que dialogam com este novo mundo.

A apreciação artística, antes centrada na observação, muitas vezes passiva, se torna um processo relacional no qual o conhecimento media estas relações, pode-se dizer que a Arte atual não é para amadores. Brincadeira! Apenas um exagero, mas no fundo há um apelo contínuo à informação e ao conhecimento que não está ainda consolidado nos livros de História da Arte e, por isto, parece algo hermético e próprio de especialistas. Os sistemas de aferição da validade também entraram em crise e a crítica, antes participativa, se desloca para as academias e foge do povo.

A mídias de comunicação de massa se tornam as referência para a informação sobre Arte, mas não o fazem com conhecimento e sim por meio de sua espetacularização habitual. Usa estratégias de impacto publicitário e move a opinião pública em seu favor mantendo, por um lado a ignorância e por outro a superficialidade, sem dizer que denigre o que se mostra como manifestação da Arte atual. O escândalo, o frívolo, o incidental, o insólito ou as grandes somas pagas por obras nos dias atuais acabam sendo o foco de suas notícias e a desinformação “rola solta”. Este é o que se tem atualmente, logo, sem conhecer não há como entender.

Assim, a Arte Contemporânea tende a ser vista como algo inacessível e própria de especialistas. Algo que não é necessariamente verdadeiro, pois as ações que constituem boa parte das manifestações atuais propõem diálogo e interação direta com o público, coisa que não acontecia com manifestações anteriores. Intervenções ambientais, Instalações, Performances são propostas para interagir diretamente com as pessoas e não para serem guardadas e armazenadas em galerias e museus. A Arte também se torna pública, desde os grafites urbanos até as intervenções ambientais da Land Art.

Os sistemas de registro das manifestações artísticas contemporâneas cumprem uma função essencial. Como muitas delas não são corpóreas ou permanentes, são as imagens fotográficas, videográficas ou audiovisuais e também em redes sociais que testemunham tais ocorrências e constroem o referencial histórico sobre o qual se desenvolvem as pesquisas na construção do conhecimento sobre a contemporaneidade. A Arte mudou, os sistemas de registro e conhecimento também mudaram, estes são fatos do contexto atual e não há como ignorá-los ou dispensá-los sob o risco de perder suas referências.

Volto a tocar nos dois conceitos que citei inicialmente: *Validade* e *Vigência*. Como disse, ambos são relevantes para pensar as três tendências aqui destacadas: o Clássico, o Moderno e o Contemporâneo. Cada uma tem sintonia cultural e estética com o ambiente em que surgiu, portanto, garantem sua Validade. Do mesmo modo, decorrem de seu tempo, ou seja, são sincrônicas tendo também vigência temporal. O problema é justamente o anacronismo: a tentativa de fazer valer ou aplicar os valores anteriores ao tempo atual ou, ao contrário, olhar para trás com os olhos do agora, estas duas atitudes são insólitas.



Escultura da Artista Alemã Rebecca Horn, Barcelona, Espanha.

Espero ter contribuído para esclarecer algumas diferenças entre estas três tendências que ocuparam e ocupam o contexto da História da Arte, cada uma no seu tempo e no seu contexto sociocultural. Entendo que a função do ensino é justamente esta: a de mediar o conhecimento acumulado, desenvolvido e em desenvolvimento, compartilhando-o com a sociedade. Como sempre digo e especialmente neste momento esta frase é bastante significativa:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.